

A arte da fotografia analógica ilustrando as nuances do “Eu” utilizando considerações psicológicas¹

Ana Paula B. DOS SANTOS²

Ralph W. CAMARGO³

Luis Fernando FRANDOLOSO⁴

Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz, Cascavel , PR

Resumo

Este trabalho propõem o uso da fotografia abstrata como forma de expressão, buscando investigar características psicológicas, através de auto-retratos, utilizando para isto, principalmente formas e cores desenvolvendo assim uma linguagem artística, intimista e conceitual. Para tanto, o trabalho decorre da disciplina de Orientação de Portfólio I, do Curso de Tecnologia em Fotografia, e incita os observadores a desenvolverem interpretações sobre as imagens construídas. A partir de conceitos de autores como Didi-Huberman, Massimo Canevacci e Jung.

Palavras-chave: fotografia, arte, psicologia, expressionismo abstrato.

Introdução

Entende-se por arte visual abstrata a expressão que representa uma ideia ou conceito sem necessariamente retratar um objeto de acordo com a sua realidade concreta exterior.

O termo “expressionismo abstrato” foi mencionado pela primeira vez na revista alemã *Der Sturm* para descrever as obras abstratas não figurativa dos expressionista alemãs. [...] Embora os americanos trabalhassem com estilos diferentes, todos eles buscavam causar um efeito emocional ou expressivo. (STAFF, 2011, p. 452).

Surgido no século XX, o chamado expressionismo abstrato, [...]buscava revelar verdades fundamentais que se escondiam no inconsciente do artista. (STAFF, 2011, p. 453).

A ideia da realização deste trabalho surgiu pelo desafio de traduzir em imagens alguns diferentes aspectos psicológicos do “eu”. O desígnio para "eu" em psicologia é tratado como a instância interna conhecedora, portadora de consciência, ou seja, o conhecimento que o indivíduo tem sobre si próprio, segundo Carl Jung (2013).

¹ Trabalho apresentado na PT 4 – Jornalismo e Fotografia do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2018.

² Estudante de Graduação do 3º semestre do curso de Fotografia da Fag-PR, email: annabernardy23@gmail.com

³ Jornalista e Mestre em letras – Unioeste - PR, email: ralphwillians@gmail.com

⁴ Mestre em Comunicação e Linguagens - UTP - PR, email: lufffoto@gmail.com

Para o jogo da criação é necessária uma afirmação. Aquele que perde o mundo, quer alcançar o seu próprio mundo. É necessário deixar surgir nosso inconsciente ilimitado, a fim de fazer brilhar nosso consciente (Perrot, 1998).

Para realizar estes registros foi utilizada a fotografia analógica e empregada uma linguagem conceitual. O modo analógico exigiu no processo de criação um maior desenvolvimento das imagens abstratas e estudo de cada foto executada, pela falta da possibilidade de verificação instantânea das imagens no momento da captura, e, apesar do direcionamento focado ao resultado pretendido, os elementos físicos utilizados para construção das imagens exigiram uma liberdade natural de movimento, fugindo assim do determinismo de um resultado ótico específico.

A imagem faz mais do que estender a mão. Ela segura a nossa e depois nos puxa – aspira-nos, devora-nos –inteiros, no movimento “mágico” e “misterioso” da atração empática e da incorporação. (DIDI-HUBERMAN, 2013 , p. 352)

O que deu início ao projeto foi o desafio de representar, através das imagens fotográficas, o íntimo, os aspectos ocultos, algumas nuances do processo metamórfico dentro da fotografia artística.

Após a realização deste projeto, foi encontrado um artista que, apesar de ter intenções diferentes das que incitaram o desenvolvimento deste trabalho, também destaca uma ampla gama de emoções. O fotógrafo Januz Miralles das Filipinas explora a beleza e a fragilidade do corpo da mulher com cuidado e delicadeza, misturando a fotografia com diferentes técnicas de desenho e pintura, trabalhando na maioria das suas obras com tons neutros. O artista aplica digitalmente pintura e ilustração para alterar fotografias de rostos e corpos. (figura 1 e 2).



Figura 1: Januz Mirallesn

<<https://www.behance.net/nuestra>>

Acesso em: 9 Abr. 2017



Figura 2: Januz Miralles

<<https://www.behance.net/nuestra>>

Acesso em: 9 Abr. 2017

Desenvolvimento

As fotografias apresentadas neste artigo foram produzidas no A&R Estúdio. Foi utilizada apenas uma luz a 45 graus, de característica dura, e duas máquinas fotográficas analógicas: Yashica Electro 35, lente fixa 45 mm 1.7 e uma Pentax K1000. Foram utilizados no total dois rolos de filmes coloridos com 36 exposições cada.

As configurações das fotografias aqui apresentadas são: abertura do diafragma f/4, velocidade 1/60s, um filme de ISO 400 e um de ISO 200. As fotografias foram tiradas com um ângulo de 90 graus em relação ao chão, para que a imagem gerada representasse uma tela de pintura.

Foram utilizadas uma bacia de aproximadamente 40 cm de raio, água, uma fotografia para representação do autor, óleo, sete cores de verniz vitral e uma espátula. O tempo necessário para produção das imagens foram dois ensaios de aproximadamente duas horas cada. O primeiro ensaio foi dispensado devido a problemas causados pela falta de conexão das cores inicialmente utilizadas com o objetivo do autor. A bacia foi preenchida até a metade com água à qual foi adicionada óleo e posteriormente o verniz. Foram usadas sete cores de verniz para formar as variações desejadas, sendo elas: dourado, preto, vermelho, roxo, amarelo, branco pérola e azul. Todas as cores citadas foram distribuídas de maneira intencional sobre uma imagem imersa no líquido.

Na primeira imagem apresentada abaixo, figura 3, pode-se observar o início do processo, um prelúdio surgindo através da escolha das cores e formas. Inspirado na definição de alquimia por Jung (1991), primeiramente foi utilizado a cor preta como a base das tonalidades, pois a partir da escuridão surgem os sonhos e a partir do inconsciente surgem as ideias. Foi considerado o preto aqui como o sendo o inconsciente primitivo, o ponto de partida. Enfrentando os tempos de escuridão conseguimos iniciar o processo de individuação.

A segunda cor utilizada foi o vermelho, a fim de representar a mutação de estados, do inconsciente para o consciente, representando assim o nascimento do auto-conhecimento, e desta maneira, de forma intencional, porém natural, tanto o processo psicológico quanto a sua representação vão tomando formas. Figura 3 e 4.

Figura: 3



Fonte: Acervo do autor

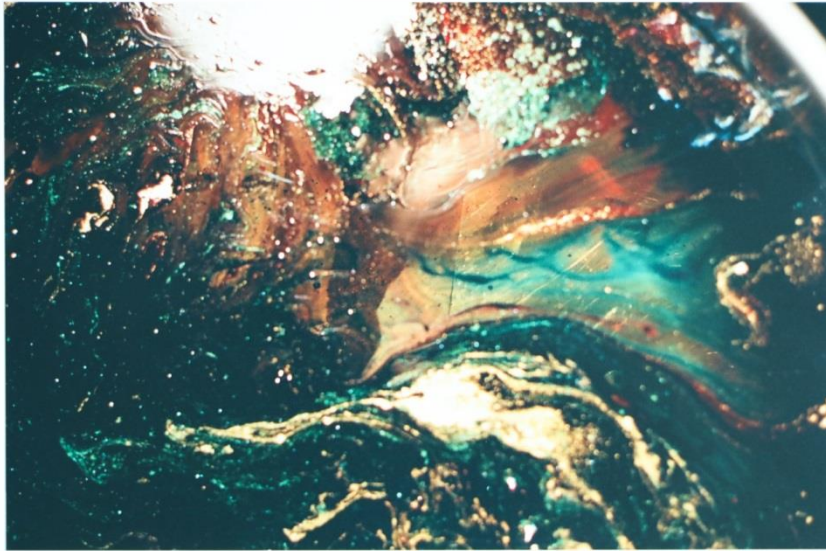
Figura: 4.



Fonte: Acervo do autor.

Na sequência das figura 5 e 6 foi adicionada a cor dourada, que aqui foi representada como sendo “a luz”, a saída, a pureza revelada aos olhos. Apesar de não se ter a clareza de percepção do que será, a imagem começa lentamente a apresentar uma definição de formas.

Figura: 5.



Fonte: Acervo do autor.

Figura: 6.



Fonte: Acervo do autor.

Observa-se nas figura 7 e 8 o início do reconhecimento das formas, do sentido e do objetivo final. As cores adicionadas representam uma totalidade das emoções, o caldeirão de sentimentos e experiências que resultam no turbilhão de sentimentos e sensações que sempre se fazem presentes no íntimo dos indivíduos. O reconhecimento de um sentimento (uma condição psicológica) por si só, nos traz uma sensação de paz, mesmo que de forma

momentânea. Ainda lembrando Carl Jung (1991), o caminho que conduz à paz é estreito e ninguém o encontra a não ser pelo sofrimento da alma, e o auto-conhecimento é doloroso, porém transformador e necessário, e sendo um caminho exclusivamente individual não existem rotas marcadas, não se encontram nas areias da experiência, pegadas a serem seguidas.

Figura: 7.



Fonte: Acervo do autor.

Figura: 8.



Fonte: Acervo do autor.

A forma final deste trabalho, sendo não determinista, foi de encontro ao ato do momento decisivo da fotografia, pois cada momento foi único e a cada composição deu lugar a uma imagem singular no tempo.

Foram geradas cerca de 72 imagens, sendo aproveitadas somente uma parte destas devido a questão do aproveitamento das mesmas em função de encontrar as que melhor expressassem, em conjunto, o processo evolutivo a ser registrado. Cada imagem representa uma parte da narrativa da história contada.

Considerações finais

O uso dos fluidos foram utilizados propositalmente a fim de dar um “movimento próprio” à imagem. A partir deste movimento iniciado pela espátula no líquido, o mesmo tomava rumos e cores por vezes não esperados. Esse fluxo iniciado permitiu que a imagem surgisse de forma espontânea e natural, retratando de formas subjetivas os auto-retratos..

Este trabalho teve como objetivo, através de seu desígnio artístico experimental, permitir que a fotografia surgisse de forma livre mostrando as nuances e provocando emoções, desvendando lentamente o artista retratado.

Expressar uma coisa como ela é [...], “não é dizer sua verdade a partir de uma altivez conceitual segura de seu julgamento. É fundir-se empaticamente com o modo de expressão próprio da coisa, com seu estilo de ser. É fazer-se o ‘plasma’ da coisa. É penetrar na coisa para ‘ser penetrado’ por ela, como tão bem sugere Flaubert. É portanto, arriscar-se a não mais sair dela (a não mais safar-se). O conhecimento por intricação é um conhecimento por meio dos abismos, uma viagem sem fim pelo mundo das coisas, uma aguda consciência de estar implicado, um desejo profundo de uma vida nesses recônditos”. (DIDI-HUBERMAN, 2013 , p. 343)

Para Canevacci, essa transição entre as subjetividades diversas do “eu retratado” deixam claro a expressão psicológica apresentada nas imagens, que não apenas ilustram o ser, elas tem o poder de definir, de vestir e de desnudar a autora diante dos olhos do espectador. (CANEVACCI, 2008).

A realização deste trabalho possibilitou a união entre técnicas fotográficas e a psicologia aplicada à arte, permitindo que houvesse uma maior liberdade no desenvolvimento de uma imagem não limitada de auto-representação por ser usada a subjetividade do abstracionismo.

Referências bibliográficas

DIDI-HUBERMAN, Georges. A Imagem Sobrevivente História da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg. Rio de Janeiro: Cantraponto, 2013.

CANEVACCI, Massimo. Fetichismos Visuais: Corpos Eróticos e MetrÓpole Comunicacional. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

STAFF, Craig G. Expressionismo Abstrato. IN: FARTHING, Stephen. Tudo Sobre Arte: Os movimentos e as obras mais importantes de todas os tempos. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

JUNG, Carl Gustav. Tipos psicológicos. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____, Carl Gustav. Psicologia e alquimia. Petrópolis: Vozes, 1991.

PERROT, Etienne. O caminho da transformação segundo C. G. Jung e a alquimia. São Paulo: Paulus, 1998.

JUXTAPOZ. **The tormented figures of janus miralles**. Disponível em: <<https://www.juxtapoz.com/news/the-tormented-figures-of-janus-miralles/>>. Acesso em: 9 de abr. 2017< <http://www.artisticmoods.com/januz-miralles/>>.

ZAPARTAN. **Janus Miralles Photography**. Disponível em: <<http://inspirationist.net/januz-miralles-photography/>>. Acesso em: 11 de abr. 2017.

DIANA. **Toda matéria**. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/expressionismo-abstrato/>>. Acesso em: 05 de mai. 2017.

CAREY. **Iphoto Channel**. Disponível em: <<http://iphotochannel.com.br/dicas-de-fotografia/6-dicas-para-criar-fotografias-abstratas>>. Acesso em: 09 de abr. 2017.

MASINE. **Psicologia do Imaginário**. Disponível em: <<https://psicologiadoimaginario.wordpress.com/2016/03/22/o-que-e-arte-abstrata/>>. Acessado em: 13 de mai. 2017.

